

HISTÓRIA DO HOMEM

ÍNDICE

1. FORMAÇÃO DA RAÇA ÁRIA	3
2. A SUB-RAÇA ÁRIO-ÁRIA	5
3.O RETORNO DOS FILHOS DO MANU	7
4. NARADA	9
5. FORMAÇÃO DA SUB-RAÇA ÁRIO-SEMITA	11
6. AS SETE RAMIFICAÇÕES DA RAÇA ÁRIA PRIMITIVA	12
7. A SUB-RAÇA ÁRIO-SEMITA	13
8. A TORRE DE BABEL	15
9. A SUB-RAÇA ÁRIO-IRANIANA.....	17
10. GRANDEZA E PODER DOS ÁRIO-IRANIANOS.....	19
11. A FORMAÇÃO DA SUB-RAÇA ÁRIO-CELTA	21
12.A SUB-RAÇA ÁRIO-CELTA.....	22
13. FIM DA SUB-RAÇA ÁRIO-CELTA	24
14. NASCIMENTO DA SUB-RAÇA ÁRIO-TEUTÔNICA	25
15. DESENVOLVIMENTO DA SUB-RAÇA ÁRIO-TEUTÔNICA.....	26
16. OS PRIMITIVOS ÁRIO-TEUTÔNICOS	28

FORMAÇÃO DA RAÇA ÁRIA

Primeira Ensino

Em pleno desenvolvimento da Raça Atlante, uma de suas sub-raças, a Semita, havia aparecido com a missão especial de ir formando um tipo de homem fisiológico e mental, apto para formar o tipo da Raça Ária.

A sub-raça Semita Atlante começou depois do dilúvio tolteca há 850.000 anos.

Esta Raça ia se distinguindo cada vez mais da dos demais atlantes, adquirindo uma característica própria.

Depois do terceiro grande dilúvio atlante, há 220.000 anos, os semitas atlantes começaram a receber entre eles alguns protótipos dos futuros ários. E depois que foram vencidos pelos acádios, há 150.000 anos, pode-se dizer que começou a verdadeira formação da futura Raça; cada vez encarnavam entre os semitas um maior número de entidades do novo tipo.

Um Iniciado Solar, pertencente à quarta Raça Raiz Atlante, Manu Savarna, desceu nessa comunidade para cristalizar a Ideia Mãe da Divindade Absoluta com a afirmação: “Tudo é Deus. O homem é Deus. Tudo sai do Manancial Divino e a Ele volta”, para afirmar a Divindade atlante nesses seres que iam fundar a raça da Humanidade ária.

Fugindo dos acádios, Ele os guiou por um grande vale às margens de um grande rio, durante muitos dias, sempre para o Sudeste, até que chegaram a uma esplêndida terra, cheia de promontórios e de oásis, rodeada por uma espécie de muralha natural, de puro coral.

Pouco a pouco, o mencionado rio foi se transbordando no vale, separando os guiados por Manu Savarna da terra dos acádios; e se formou uma grande ilha chamada Ilha do Coral. Esta ilha era privilegiada, tanto pela exuberância de sua vegetação quanto por seu clima temperado.

É de se supor que se dirigiram desde a atual Austrália até a região que ocupam agora as ilhas de Nova Zelândia.

As migrações atlantes se efetuavam, sempre, desde o Noroeste até o Sudeste, enquanto que as invasões se faziam para o Norte.

Quando o sol, rasgando as nuvens, aparecia à vista dos habitantes do continente atlante, brilhava com maior intensidade sobre a Ilha do Coral.

Desde 150.000 anos até 120.000, os tipos ários aumentaram notavelmente, chegando a constituir quase a metade da população total da ilha.

Desde então, a diversidade tão notável de idiosincrasia entre os semitas atlantes e os primeiros ários produziu lutas internas muito intensas. O corpo físico dos antecessores dos ários havia se embelezado extraordinariamente e isso suscitava inveja nos atlantes de velho tipo. Estas lutas foram causa das primeiras migrações; e os atlantes de tipo ário tiveram que buscar novas terras.

Entre a grande ilha que eles habitavam e o novo continente, que ia emergindo das águas, havia se formado um grande número de ilhas e de ilhotas.

Seguindo essa rota, estabeleceram-se na pré-costa do novo continente, onde atualmente se encontram as ilhas de Nova Guiné e Bornéu.

O ciclo estava por cumprir-se. As novas forças cósmicas enchiam de força as terras do Sudeste da Ásia. Os grandes Iniciados da Raça Ária se preparavam para descer para guiar os eleitos a suas novas moradas.

Manu Vaivasvata, há 118.765 anos (1937 do calendário gregoriano) encarnou entre os homens, para selecionar os ários e para fundar a primeira sub-raça ária, a “Ário-ária”.

A SUB-RAÇA ÁRIO-ÁRIA

Segunda Ensinança

Ásia, a primeira terra que teria que explorar o homem ário, levantava-se, entre mesetas de coral, entre rochas ainda não pisadas; adornada por uma vegetação exuberante, ainda que lúgubre, coroada por altíssimas montanhas, como um signo de enigma e de mistério para aqueles que teriam que conquistá-la.

Com orgulho levantava esta terra suas cristas para o céu, parecendo desafiá-lo, pois ela ia conseguir que o homem a adorasse e venerasse.

Em algumas partes da Ásia, sobretudo nas partes rodeadas pelo mar, em grandes ilhas, viviam colônias atlantes mongóis; porém o centro do continente era completamente virgem.

Manu Vaivasvata, primeiro Grande Iniciado Solar da Raça Ária, desceu à ilha do Coral, para dirigir a nova Raça para a conquista do misterioso continente.

Este ser tão extraordinário, que se transformou, com o transcurso dos séculos, em um símbolo, em uma ideia, viveu verdadeiramente em corpo físico, entre os primeiros ários.

Porém em tenra idade abandonou a terra atlante para dirigir-se para a pré-costa do novo continente. Ali permaneceu até a sua velhice, educando o povo, ditando leis e organizando milhares de jovens para que fossem cabeças da fantástica expedição que projetava empreender.

Dentre estes milhares de jovens, escolheu dez, privilegiados por seu nível espiritual, os quais tinham de ser seus diretos representantes; chamavam-se: Marichi, Atri, Pulastya, Pulaka, Angryas, Kardama, Dakcha, Vashishia, Bhrigu e Narada.

Quando Manu Vaivasvata tinha cento e catorze anos de idade e sua branca barba ressaltava sobre seu rosto enegrecido, empreendeu a grande marcha.

Os ários foram divididos em dez grandes grupos que iniciaram a marcha, sucessivamente, com intervalo de uma lua entre um e outro. Cada um destes grupos estava dirigido por um Rishi ou Sábio; e se dividiam, por sua vez, em cem subdivisões cada um; cada subdivisão era dirigida por um dos mil escolhidos e contava com mil pessoas. Era, pois, um milhão o número dos que seguiam o Manu Vaivasvata, o qual ia no grupo do Sábio Marichi, que o servia em tudo.

Estes primitivos ários não tinham a configuração física do homem atual, embora fossem parecidos. Sua estatura excedia a dois metros, seu crânio era grande e achatado, os olhos pequenos, a boca e as orelhas grandes, e o nariz grande e achatado. Seus braços e pernas musculosos e bem proporcionados, porém pouco resistentes. A pele era bem escura e o cabelo liso e comprido. Falavam um idioma de tipo sintético chamado Arypal.

Ao efetuar a grande migração à terra desconhecida, Manu Vaivasvata pensava que os ários poderiam voltar periodicamente a organizar outras expedições, até transladar toda a população da pré-costa para a nova terra, pois as antigas se tornavam cada vez mais pantanosas, insalubres e quentes, e constantemente atacadas pelos atlantes.

Nem ele sabia o glorioso e trágico destino que esperava por seus escolhidos.

Por isso, o signo de Áries representa um carneiro com a cabeça voltada para trás, mirando o ponto que deixou, como se ali deixara seu coração.

As caravanas marcharam com dificuldades espantosas entre marismas, pântanos e feras desconhecidas para elas.

Cruzaram as ilhas situadas no atual mar Meridional da China e penetraram na Ásia pela Indochina, atravessaram as rochosas e desoladas regiões de Sião e Birmânia e chegaram aos pés dos Himalaias.

Em suas visões celestiais, Manu Vaivasvata havia visto o Grande Templo, uma cadeia de altíssimas montanhas; e a Voz Divina lhe havia dito que a Terra Prometida estava atrás delas.

Por isso, bordejaram o Himalaia buscando uma passagem, até que a encontraram, o que ocorreu há 118.765 anos (1937 do Calendário Gregoriano).

Até ali, a mortandade havia sido leve; porém enquanto os dez grupos se internaram nos Himalaias, a um período temperado seguiu outro glacial.

Entre pavorosas tempestades de neve se fechou a passagem por onde haviam penetrado; e inutilmente buscaram um caminho de saída. O frio, a fome e a sua falta de resistência dizimaram-nos.

Os ários clamavam a Manu para que os devolvesse à sua primitiva terra. Porém tudo em vão.

Os sobreviventes bordaram infatigavelmente os Himalaias, sempre buscando uma saída; costearam o Kuenlun, até que chegaram ao Altyntag; desde ali viram o Turquestão, maciços de montanhas que chamaram “Morada dos Deuses”. E diante deles se estendia uma terra maravilhosa, uma verdadeira Terra Prometida, que em seu centro tinha um mar, atual deserto de Gobi.

O Manu Vaivasvata cantou ali o Hino de sua Liberação.

Disse aos dez Sábios, que haviam sobrevivido, que mandaram seus homens para conquistar as terras.

E ele, acompanhado por poucos fiéis, subiu à Montanha Sagrada dos Deuses.

A migração durou setenta e sete anos.

Enquanto isso, um fenômeno curioso se produziu no físico dos homens. Pela violenta mudança do clima, ou por motivos emocionais, o escuro cabelo se tornou branco.

Isto foi indício de que mudaria completamente a cor do cabelo e a pigmentação da pele, o que aconteceu no milênio seguinte.

Durante este período, os ário-ários conquistaram a Mongólia, o Turquestão Chinês e o Tibete; desterraram as colônias mongólicas atlantes, ou as destruíram ou as assimilaram. E se fizeram donos absolutos dessas regiões, do coração da Ásia.

O RETORNO DOS FILHOS DO MANU

Terceira Ensinança

As dez Tribos, dirigidas pelos dez Sábios, receberam os nomes deles.

A Tribo de Marichi permaneceu no Tibete.

As Tribos de Atri, Pulastya e Pulaka se estabeleceram em diferentes partes da Mongólia.

As Tribos de Angryas, Kardama e Dakcha povoaram o Turquestão Chinês.

A de Vashishia se internou no Turquestão Russo.

A Tribo de Bhrigu se estabeleceu no Afeganistão e a de Narada na Cachemira.

Esta dispersão das migrações ário-árias se efetuou lentamente e transcorreram milhares de anos antes que as tribos se estabelecessem nas comarcas indicadas.

Durante estes milênios, estes homens mudaram completa e definitivamente; desenvolveu-se neles o sentido do olfato, diminuiu sua estatura e a cor de sua pele se tornou mais clara, assim como a de seu cabelo; em especial nos da Tribo de Vashishia. Modificou-se também a cor dos olhos.

Durante séculos haviam vivido entre neves. Tiveram de lutar contra a fome, o frio e tiveram de vencer a terra, forçando-a, palmo a palmo. Assim aprenderam a amá-la.

Sob o lençol branco adormecido estava o tesouro de suas vidas; e isso foi o primeiro símbolo de sua Divindade; a Deusa Branca, a Mãe adormecida, a Natureza que oculta seus tesouros.

Depois da mencionada época glacial do período da migração, as estações se tornaram mais temperadas; a Terra, secando-se e enrugando-se, formava grandes pregas, que foram barreiras naturais entre os povos.

O idioma se transformou. O Arypal era conservado unicamente pela Tribo de Marichi como idioma sacerdotal, muito modificado, chamado Zenzar.

As outras Tribos falavam diversos idiomas, dos quais fica como única recordação o sânscrito.

Embora as Tribos tenham se separado definitivamente, mantiveram um culto comum: a adoração ao fogo e o culto à Natureza.

O culto divino e humano já se infiltrava neles.

O culto ao fogo, que tão trabalhosamente tinham que procurar, recordava-lhes, como um sonho, as suas origens, o país cálido de onde emigraram seus antepassados, onde os vulcões em erupção vomitavam fogo e os bosques ardiavam durante meses quando eram devastados por vorazes incêndios.

Além disso, a recordação de Manu Vaivasvata, o velho gigante de rosto enegrecido que levava o fogo em suas mãos, recordava-lhes suas origens divinas.

Estes povos, desde o princípio, guerrearam constantemente entre si e pode se dizer que quatro das Tribos triunfaram definitivamente: as de Marichi, Atri, Vashishia e Narada.

Porém a que predominou foi a de Narada, que se estendeu por toda a Índia, conquistou os habitantes do Afeganistão, da Tribo de Bhrigu e guerrearam com a Tribo de Atri, que havia se apossado do norte.

Porém seu glorioso destino era outro: o de voltar a conquistar a terra de onde haviam saído.

NARADA

Quarta Ensinança

A Tribo de Vashishia abandonou a Terra Sagrada, atraída pelo mistério dos grandes desertos, dos grandes bosques e dos desfiladeiros das grandes montanhas que viam no horizonte.

Esta Tribo ia se sepultar durante milênios buscando o norte da Ásia, bordejando o Cáucaso e penetrando na Europa, nessas regiões ainda não plenamente formadas para a vida humana, esperando o fruto de seus esforços.

Porém os conquistadores seriam os da Tribo de Narada, aqueles guerreiros que haviam partido para o sul, que haviam vencido as fortes Tribos de seus irmãos e que estavam destinados a conquistar e a se confundir com os últimos remanescentes dos atlantes, e fundar a segunda sub-raça, a ário-semita.

A terra que conquistaram era extraordinariamente formosa e fértil; e era chamada de os Cinco Rios. (Cachemira).

Os Naradas ficaram ali durante muitos anos, acreditando que era o limite terrestre. Porém, repetidas vezes, uns deuses negros de gigantesca estatura, parecidos com o deus deles, o Manu Vaivasvata, apareciam sobre o cume dos montes, destruindo com sua arma aérea, espécie de raio mortal, as terras e as cidades dos Naradas que haviam alcançado, então, uma alta civilização.

Haviam esquecido que esses homens eram seus verdadeiros ascendentes e tomaram-nos por deuses irados.

Entretanto, outros inimigos, os da Tribo de Bhrigu, refugiados nas montanhas do Afeganistão, hostilizavam continuamente estas primitivas colônias de Narada. Porém estas, auxiliadas por Grandes Iniciados, puderam guerrear, fortalecer-se e converter-se em donas de todo o centro da Ásia.

Os Grandes Iniciados haviam ensinado aos ários os Sacrifícios; e os Sacrifícios iam acompanhados por uns cânticos, dos quais derivaram os Vedas, que se recitavam em coro e produziam, por sua extraordinária vibração, grande força etérea; e notaram como, quando eles entoavam seus cantos, as hordas negras eram paralisadas em suas tentativas.

Uma força magnética era neutralizada por outra força magnética.

Por serem donos de um poder, começaram a não temer os negros descendentes dos atlantes, com tipos dos quais se havia formado o homem ário; e viram como, fisicamente, por terem eles maior destreza, habilidade e domínio da estabilidade, podiam vencê-los facilmente.

Com as primeiras vitórias, veio a ânsia de conquista. Conjuntos de homens, guiados, segundo o costume de então, pelos Sacerdotes, soldados Iniciados, empreenderam o caminho da conquista.

Os primeiros fracassaram uma e outra vez. Porém, finalmente, bordejando as encostas setentrionais do Himalaia, encontraram uma passagem, que franquearam, descendo depois pela Birmânia e Indochina, que então eram regiões pantanosas. Mais ao Sudeste

destes pântanos e marismas, em grandes ilhas, entrincheirados atrás por pântanos e em grutas protegidas por altíssimas palmeiras, viviam os homens negros.

Tão exuberante era a vegetação que formava verdadeiras galerias, cujo teto estava formado por trepadeiras que impediam ver o céu. O solo era pantanoso, infestado de répteis; estes prejudicavam os ários, pois os atlantes não os temiam devido ao fato de possuírem em seu sangue um elemento químico que lhes servia de antídoto, protegendo-os dos efeitos de suas picadas.

Ano após ano procuravam os filhos de Narada conquistar esta terra; cada fracasso era um incentivo que estimulava os homens novos a vencer o povo de Ravadan.

Aprofundaram seu conhecimento dessas terras estranhas, aprendendo a eludir os perigos que encerrava; fizeram-se destros em matar répteis e em dominar os grandes macacos que pululavam por todas as partes.

Porém a verdadeira conquista, que marcou o princípio da sub-raça ário-semita, ocorreu há mais ou menos 100.000 anos. Portanto, a sub-raça ário-ária havia durado em torno de 18.800 anos.

FORMAÇÃO DA SUB-RAÇA ÁRIO-SEMITA

Quinta Ensinança

Quando as tribos do Manu Vaivasvata abandonaram as terras da pré-costa do sudeste asiático, deixaram ali um povo que ia perdendo rapidamente as características atlantes.

Tinham que ser preparados para pertencer à Raça Ária e serem os fundadores da segunda sub-raça, a ário-semita.

Com este propósito, foram dirigidos por um Iniciado Solar de Primeira Categoria, o qual tem passado depois à história, em diversos Gênese, com o nome de Noé, ou Nué.

Estes povos suportavam grandes dificuldades de origem climática.

O mar ia invadindo constantemente as ilhas e a pré-costa onde haviam levantado suas cidades e estabelecido seus portos, enquanto que os pântanos existentes entre as rochas da Birmânia e da Indochina iam se dessecando.

No entanto, durante a época glacial em que se fechou a passagem, o que impediu o regresso dos emigrados ao Tibete, estabeleceu-se um clima extremo de fortes calores e intensos frios, o que ajudou a que sobre essa terra se tenha formado uma capa fertilizante.

Estes povos conservavam de viva voz as tradições da sabedoria atlante, porém não expressavam sua ideia em nenhuma forma gráfica, chegando, no entanto, a desenvolver uma civilização muito superior à dos ário-ários.

No tempo da invasão de Narada, estes povos haviam se degenerado muito, apesar de conservarem o prestígio e as riquezas de um passado grandioso.

Eram de grande tamanho, sendo a sua estatura de aproximadamente dois metros; de pele muito escura e brilhosa; de cabelos longos e lisos; de rosto achatado e de pômulos muito salientes, expressando muita indiferença e acentuada malignidade.

Seus pés eram planos e caminhavam sem desenvoltura; os jovens o faziam apoiados sobre lanças de combate e os anciãos, sobre bastões.

Como defesa, possuíam uma cerca de serras e a exuberante vegetação dos limites de seus territórios, porém pouco a pouco foram completa e definitivamente vencidos pela Tribo de Narada.

Os ário-ários, inteligentemente, só destruíram a terça parte destes homens; porém conservaram o restante para aprender a sua arte, sua religião e sua ciência.

Os ário-ários se mesclaram com estes descendentes dos atlantes e os tipos puramente autóctones desapareceram por si mesmo, ficando assim um tipo completamente novo.

Os ários que invadiram essa terra também desapareceram, aparecendo um homem completamente ário, porém de tez escura: a sub-raça ário-semita.

AS SETE RAMIFICAÇÕES DA RAÇA ÁRIA PRIMITIVA

Sexta Ensino

Os ário-ários da tribo de Marichi, que não empreenderam a conquista da pré-costa, adquiriram características que foram se acentuando no período compreendido entre os últimos anos da primeira sub-raça e o começo da segunda.

Moravam no Tibete e nos arredores do mar de Gobi; foram definitivamente absorvidos, mais adiante, pelos Iranianos.

O grupo dos ário-ários da Tribo de Atri, que viviam na Mongólia, estendeu seu domínio até o mar Cáspio, então mais extenso do que agora; e para o Norte até as margens do Mar Gelado, atual Sibéria.

No entanto, os da Tribo de Atri, durante a segunda sub-raça permaneceram quase ocultos e os que não se mesclaram com a Tribo de Vashishia foram absorvidos eventualmente pelos Iranianos.

Os ário-ários da Tribo de Narada foram para o Sul, mesclaram-se com os puros atlantes e formaram a sub-raça ário-semita.

Os da tribo de Vashishia emigraram para o Norte, costearam o Mar Gelado, dirigindo-se para uma ilha situada aproximadamente na atual Europa Central. Permaneceram ocultos e os ário-semitas não conheciam sua existência.

Um grupo destes ário-ários da Tribo de Vashishia emigrou, atravessou a ilha de Ruta, que só estava separada da América Central por um canal, destruíram e se uniram aos atlantes, formando um tipo autóctone, absorvido mais adiante pelos Iranianos.

Outro grupo da tribo de Vashishia emigrou para o sul, cruzou as grandes ilhas onde hoje está a África Central, chegando até a parte Sul. Procuraram destruir os atlantes, porém eles também o foram ficando só uma pequena colônia com predomínio atlante.

A outra parte do continente estava habitada pelos atlantes mongóis.

Estas sete ramificações podem ser designadas assim:

NEGROS – Atlantes mongóis;

PARDOS – Ário-ários, tribo de Narada;

ACOBREADOS – Ário-ários, tribo de Marichi;

AMARELOS – Ário-ários, tribo de Atri;

VERMELHOS – Ário-ários, tribo de Vashishia, emigrados à América.

ESCUROS – Ário-ários, tribo de Vashishia, emigrados à África.

BRANCOS – Ário-ários, tribo de Vashishia, os que ficaram na Europa.

A SUB-RAÇA ÁRIO-SEMITA

Sétima Ensino

Há cem mil anos começou a sub-raça ário-semita.

Estes povos viam como ia desaparecendo a terra sob seus pés, pois o mar ia comendo rapidamente as ilhas atlantes.

Os ário-semitas, relativamente pacíficos, guiados pelos Grandes Iniciados, disseminaram-se ao longo de toda a costa do Oceano Pacífico, fundando colônias e dessecando territórios pantanosos.

Estas terras eram extraordinariamente férteis; e os ário-semitas puderam receber das mãos dos Instrutores a semente do trigo e semeá-la, com ótimos resultados.

Paulatinamente, converteram-se em agricultores, não guerreando constantemente, mas apenas esporadicamente, quando alguma tribo vizinha tentava avassalá-los.

Seu clima era relativamente temperado e estavam completamente afastados das antigas tribos ário-árias.

Em contato com a natureza e a terra, e levando uma vida mais regular, foram embelezando notavelmente seu corpo físico. Seu talhe era esbelto, a tez escura e lustrosa, os olhos grandes e negros, os pômulos salientes; os traços em geral, agraciados.

Durante a sub-raça ário-semita, a dentadura sofreu uma mudança fundamental, pois de prógnatos como eram os ários, transformaram-se, ficando os incisivos em posição vertical, semelhante à atual.

Também se modificaram as mãos. Os três dedos médios eram habitualmente do mesmo tamanho; para essa época, o dedo médio era o único a sobressair.

Também se modificou o abdome; havia sido em excesso grande em razão da grande quantidade de alimentos que eram ingeridos, depois adquiriu proporção em relação ao corpo.

O trigo trouxe a bênção do Céu sobre a terra.

O pão trocou certos instintos, completamente selvagens, que havia no homem, alternando-os com desejos de estabilidade e mansidão.

A transmissão do trigo, dos Planos Superiores para a Terra, ocorreu assim: os Grandes Iniciados predicaram a vinda do novo alimento que terminaria com as grandes mortandades que o ar malsão dos pântanos trazia sobre a região.

Durante dias e dias se descarregaram sobre a Terra grandes tempestades elétricas. Os raios perfuravam a terra, deixando sua pegada metálica por todas as partes; com o transcurso do tempo estas descargas elétricas produziram uns vazios, hermeticamente fechados por um elemento químico desconhecido; este encerrava em si a raiz de outro elemento químico que, ao se decompor a parte que o encerrava, em contato com a terra, formava a semente do trigo.

Quando os raios deixavam sua pegada metálica nas perfurações feitas na terra, necessário é pensar que as altas voltagens geradas pelas mútuas descargas desde as nuvens até os minerais terrestres, para onde são atraídos, e as destas para aquelas, foram as forças destinadas a transmutar os átomos dos metais em uma agrupação de elementos

que constituíram moléculas de grande massa, verossimilmente do tipo dos proteicos. Como estes últimos já existiam no planeta, compondo os seres viventes, a nova criação se realizava porque devia originar um gênero com características próprias.

Ao se formar uma casca esférica e isolante ao redor dos novos átomos, com um espaço vazio intermediário, é de se supor que se estabelecia um sistema eletromagnético mais localizado, de energias sutis e constantes. O objetivo era agrupar estes elementos proteicos no sentido de manifestar forças criadoras e assimilativas.

Tendo chegado o processo a uma maturação, rompeu-se a cápsula, já inútil, e o presumido elemento entrou em contato com as substâncias comuns da terra e com as energias correspondentes. Então, uma nova adaptação ao ambiente fez nascer uma célula com individualidade e autonomia; uma célula germinativa de uma nova planta: o trigo, a planta dos deuses.

Os Iniciados ensinaram aos ário-semitas como selecionar estas sementes e desenvolverem uma planta maior, ainda que semelhante ao atual trigo.

Durante gerações e gerações, os ário-semitas semearam exclusivamente trigo, porque tinham a missão de levar esse tesouro através das sub-raças seguintes.

Durante os últimos tempos da sub-raça ário-semita, formaram-se duas correntes: a dos negros e a dos brancos.

O formoso tipo pardo formado pelo contato com os ário-ários foi desaparecendo; os atlantes mongóis se infiltraram e se mesclaram cada vez mais com os ário-semitas, que se tornaram cada vez mais negros; e houve muitas guerras entre eles.

Os negros adquiriram maior força e devastaram as terras dos pardos; estes se viram obrigados a fugir para a Índia, aniquilar seus habitantes e a se apossar de suas terras, levando o estandarte desta civilização, o trigo, seu símbolo sagrado.

Os negros, mais guerreiros e mais poderosos, fundariam a sub-raça iraniana.

A TORRE DE BABEL

Oitava Ensino

Enquanto imperava a sub-raça ário-semita, ocorreu o quarto e último afundamento da Atlântida, há 87.000 anos.

Os ário-semitas, que de agricultores se haviam convertido em povos fortes e poderosos e que começavam a deixar-se assimilar pelos atlantes, levantaram poderosas cidades, ainda que não trabalhassem nelas.

Tomavam escravos atlantes a quem faziam trabalhar sob sua direção. Os atlantes empregavam sua estatura e sua força e os ário-semitas, sua inteligência.

Erigiram imensas pirâmides, que eram o centro de suas cidades; imensas torres que pareciam desafiar o céu.

Nas linhas e medidas destes gigantescos monumentos escreveram a história do universo em signos, medidas e linhas, a história do homem e dos homens vindouros.

A seu lado, as pirâmides do Egito são pigmeias.

Porém a constante promiscuidade com os atlantes fazia com que os ário-semitas fossem atraídos pelo forte magnetismo animal destes e se contagiaram com seus males, ambições e artes negras.

A tanto chegou o poder de sua civilização que estes homens chegaram a acreditar que eram como Deus e que seus templos piramidais desafiariam o Céu, por conter toda sua sabedoria. De tal forma, que se deixaram arrastar e assimilar pelos atlantes mongóis.

Perverteram sua língua sagrada e voltaram a usar o idioma monossilábico e gutural dos atlantes, formando-se, assim, diversas línguas.

Porém havia chegado a hora que a Atlântida devia desaparecer definitivamente sob as águas. E se produziu o quarto dilúvio.

Durante dias e dias choveu torrencialmente sobre a Terra; o mar embravecido se levantava como um monstro para tragá-la.

Durante quarenta anos houve contínuas inundações, submersões e mudanças atmosféricas.

Os grandes Iniciados levavam os povos ao abrigo das terras que sabiam prometidas para a nova sub-raça.

Os ários da tribo de Vashishia na África do Sul pereceram. Os da América ficaram separados pelo oceano do resto do continente; eventualmente foram absorvidos pelos Iranianos.

Os das tribos de Marichi e de Narada foram quase totalmente arrasados pelas águas que desceram do Himalaia e mais adiante absorvidos pelos Iranianos. Os da tribo de Atri permaneceram quase ocultos e também, por sua vez, foram absorvidos pelos Iranianos. Os da tribo de Vashishia que permaneceram na Europa, incólumes, esperavam sua hora.

Depois do Grande Dilúvio, os ário-semitas, muito debilitados, foram cada vez mais absorvidos pelos atlantes, até formar um tipo novo: o homem ário de tez negra.

Estes ário-semitas de tez negra hostilizavam os demais ário-semitas que restavam. Os restantes ário-semitas também guerreavam com os últimos ário-ários, que foram, pouco a pouco, desaparecendo.

Os acidentes climáticos e as trocas produzidas na Terra pelos movimentos sísmicos haviam destruído a fertilidade dos campos; porém os homens levaram a semente do trigo, semeavam-na e ensinavam o seu cultivo aos vencidos, até a aparição da sub-raça ário-iraniana.

A SUB-RAÇA ÁRIO-IRANIANA

Nona Ensino

Antes do quarto grande dilúvio atlante, os sistemas hidrográficos, de continentes e ilhas, tanto no que se refere a lagos como a rios, eram pobres.

Não havia lagos de água doce; os existentes, em realidade grandes pântanos, eram salgados porque se comunicavam com o mar.

Os rios eram muito curtos, seja por desembocar no mar próximo de seu nascimento ou porque as suas águas eram absorvidas pelo solo. Pode-se supor que estas características obedeciam principalmente à permeabilidade da terra. A sucessão de temperaturas muito altas e muito baixas provocaria rachaduras no solo, impedindo que a água se juntasse na superfície.

O quarto grande dilúvio preparou uma mudança fundamental; é de se crer que as contínuas chuvas deram origem a um clima menos extremo e que, além disso, influenciou em algum outro fator para impermeabilizar a terra, talvez o arrasto e o depósito de grandes quantidades de matéria orgânica, especialmente algas.

O fato é que, a partir de então, formaram-se lagos de água doce, formados pelas águas pluviais ou nascentes, que se juntavam nas depressões sem serem absorvidas. Também apareceram os primeiros grandes rios quando, buscando seu nível, as águas encontravam uma passagem para franquear as alturas que as rodeavam, formando-se assim os primeiros grandes leitos de rios.

Enquanto isso se gestava a sub-raça ário-iraniana, cuja aparição definitiva ocorreu há 75.000 anos.

Estes negros iranianos, guerreiros e selvagens, arrasavam à sua passagem toda civilização. Só respeitavam os animais selvagens, sendo os primeiros a usá-los para serviço do homem, e nos cultivos de trigo.

Conquistaram a Índia atual, absorvendo definitivamente os descendentes da tribo de Narada e também os de Marichi e Atri.

Desde a Índia continuaram suas conquistas, seguindo os leitos de rios que as águas abriram, como grandes sulcos, através da terra.

Uma coluna de ário-iranianos, saída da Índia, costeou o Golfo Pérsico, atravessou em balsas o mar que cobria a atual Arábia, até uma ilha localizada onde hoje está o Egito. Costearam para o sul o mar, hoje o deserto de Saara, até uma latitude que corresponde aproximadamente a Moçambique. Das montanhas da Etiópia já desciam as águas que formariam o futuro rio Nilo.

Uma segunda coluna seguiu uma rota parecida à da tribo de Vashishia; cruzou as ilhas que ainda ficavam no Atlântico, que iam se afundando, e chegaram à América onde absorveram definitivamente os ário-ários. Estabeleceram-se principalmente na região hoje regada pela bacia do Rio Colorado dos Estados Unidos.

Uma terceira coluna seguiu o vale de um grande rio, chamado Haneioc, que muitos séculos depois se dividiria em dois, os atuais rios Eufrates e Tigre; dominaram a região da atual Mesopotâmia.

A quarta coluna de iranianos, chamada a desgraçada ou fracassada, dirigiu-se para umas grandes montanhas, possivelmente na região das bacias dos atuais rios Volga e Don; porém foram em seguida vencidos pelos da tribo de Vashishia que conservavam pura sua raça; foram reduzidos à escravidão e no curso de dois mil anos desapareceram definitivamente.

A quinta coluna de iranianos, que foi a maior e mais poderosa, desde a região que ocupa a Índia atual se dirigiu para o Nordeste até o mar de Gobi; costeou suas margens Sul, Leste e Norte, indo, em definitivo, estabelecer-se no Noroeste do mesmo, atual Turquestão Chinês, em uma terra virgem recém emersa e às margens de um rio que se dirigia para o mar gelado do Norte, cuja bacia é regada hoje pelo rio lenisei e seus afluentes.

GRANDEZA E PODER DOS ÁRIO-IRANIANOS

Décima Ensinança

Os iranianos se espalharam em diferentes direções dominando, ao cabo de um milênio, todo o mundo por eles conhecido.

Os atlantes haviam desaparecido definitivamente do continente e moravam nas duas grandes ilhas que ficaram do continente afundado no meio do Atlântico; eram conhecidos pelos povos iranianos, mais como mitos do que como realmente existentes. Porém novos afundamentos obrigariam mais adiante os atlantes a buscar novas terras e estas já estavam ocupadas pelos ários.

As colunas iranianas, que conquistaram as terras que logo seriam do Egito e as que ocuparam a bacia do Haneioc, estabeleceram-se nessas zonas, ainda que mais adiante fossem conquistados, e suas terras devastadas pelos iranianos que viviam na atual bacia do lenisei.

Porém não tiveram nenhum contato com os iranianos que pereceram na atual bacia do Volga nem com os que foram à América.

Os iranianos da bacia do lenisei, enquanto isso, cresceram extraordinariamente em força e poder. Possuíam a astúcia dos atlantes e a força físico-cerebral dos ários. Eram de alta estatura; bem proporcionados, de longos cabelos, que para eles simbolizavam a força; eram rápidos, esbeltos e audazes. O rosto não era belo, pois eram de tez negra, rosto achatado, olhos ovalados e com uma constante expressão de sorriso malicioso.

Estavam dotados de grande sangue frio e extraordinário valor. Na guerra, lutavam com grandes lanças de madeira com pontas de pedra negra e com enormes maças, também de madeira, endurecida na água do mar. Não abandonavam o combate até haver destruído o inimigo; lutavam, corpo a corpo, como feras; tinham longos dentes, afiadíssimos, que fincavam no crânio de seus adversários. Vestiam somente uma tanga de fibras vegetais.

Viviam continuamente militarizados; e diferente dos ário-ários e dos ário-semitas, eles não escolhiam o rei em determinada dinastia, mas entre os generais mais valentes.

Acostumados a climas frios, levantaram, sem plano, imensas cidades de pedra; à medida das necessidades agregavam as casas. O resultado era uma grande massa de pedra que às vezes se constituía em fortaleza inexpugnável. Os militares se dividiam em dois grandes grupos, os mais velhos e os mais jovens constituíam a reserva e defendiam as terras cultivadas e as cidades. As guerras eram constantes, sendo a ocupação masculina por excelência; o cultivo da terra estava a cargo exclusivo das mulheres.

Possuíam uma arte especial para domesticar feras; cavalgavam elefantes brancos, de grande corpulência e curta tromba que pintavam de negro durante a guerra.

Não tinham templos ou culto propriamente dito; adoravam o fogo que mantinham constantemente aceso no centro de suas cidades e de seus lares; as mulheres que o guardavam se consideravam santas e privilegiadas. Só estas virgens sacerdotisas tinham direito de dançar na presença dos soldados, nas grandes solenidades. Os soldados tinham o privilégio de dançar, à parte, entre eles.

Sua escrita consistiu em impressões da mão ou outra parte do corpo sobre vegetais.

A guerra constituía a vida destes homens. Por isso se lançavam a grandes conquistas sob a direção de diversos Grandes Iniciados, que eram verdadeiros condottieri.

Nos países que invadiam, não só destruíam as pessoas, mas também as cidades, respeitando, no entanto, os cultivos e os animais.

Na metade da sub-raça, estes iranianos invadiram a bacia do Haneioc, conquistaram-na definitivamente, e mais tarde invadiram o atual Egito. Como esta região era muito distante de seu lugar de origem, pouco a pouco esqueceram o seu país e os seus antepassados.

Algumas colônias, anteriormente estabelecidas, de ário-semitas puderam escapar ao desastre e foram se mesclando com os iranianos, semeando a primeira semente daquele povo extraordinário que, durante a sub-raça ário-teutônica, seria o egípcio.

A FORMAÇÃO DA SUB-RAÇA ÁRIO-CELTA

Décima Primeira Ensino

Os ário-iranianos, que ocupavam a região que atualmente rega a bacia do lenisei, costearam o Mar Gelado e desceram depois sobre a região do rio Haneioc, que submeteram e devastaram.

Uma colônia dos ário-iranianos ali estabelecidos emigrou para o noroeste, estabelecendo-se em uma terra que ocupava, principalmente, o lugar do atual Mar Mediterrâneo, que também se estendia consideravelmente mais para o Norte, já que restos da mesma são as regiões montanhosas da Escócia e Vascônia, assim como as de Sicília e Calábria.

Toda esta terra estava rodeada, como por um grande anfiteatro, de vulcões inativos, sendo limitada ao Norte pelo Mar Gelado e ao Leste por um imenso rio que a separava da região de Haneioc.

A região do atual Mediterrâneo era uma terra de aluvião, fertilíssima, de clima temperado e variável e que proporcionava a seus moradores grandes colheitas e abundantes pastos para seus animais.

Porém há 57.000 anos, ocorreu uma notável mudança de clima, acompanhada de fenômenos sísmicos de magnitude.

Os vulcões entraram em ação projetando, a princípio, tal quantidade de cinza, que obscurecia, por semanas, o céu; as crateras vomitaram depois fogo e, finalmente, grandes correntes de lava se precipitaram pelas ladeiras, arrastando tudo, o qual, unido a intensos movimentos sísmicos, abriu o leito do grande rio do leste, permitindo também que as águas do Mar Gelado invadissem a fértil planície.

Os habitantes pereceram aos milhares, salvando-se alguns, ao fugir para as montanhas.

Passado o período de convulsões, em lugar da fértil terra ficou um mar, que depois seria o atual Mediterrâneo, ainda que semeado por formosas e férteis ilhas.

Os poucos sobreviventes começaram uma nova vida, de constante luta contra o mar e a Natureza.

Este restante de ário-iranianos vencidos, avassalados e quase totalmente destruídos pela Natureza, estava destinado a ser o broto da sub-raça ário-celta.

A SUB-RAÇA ÁRIO-CELTA

Décima Segunda Ensino

A sub-raça ário-celta nasceu na região que ocupa a atual bacia do Mediterrâneo, há 50.000 anos.

Esse território não oferecia seu aspecto atual. Era verdadeiramente maravilhoso; o mar estava rodeado por altíssimas montanhas vulcânicas e fechado hermeticamente, salvo por um pequeno estreito, presumivelmente na região da atual Macedônia, que o comunicava com o Mar Gelado.

Era como um grande anfiteatro onde, aos pés de altas montanhas, havia férteis vales de terras de aluvião.

O mar estava salpicado por numerosas ilhas; as principais eram três: a de Serg, que abarcaria a atual Córsega e Sardenha; a de Penelpon, muito extensa, situada aproximadamente onde é a Grécia atual e separada da Macedônia por um grande rio; e a de Etérias, que logo seria Etrúria. Todas estas ilhas eram férteis e formosas.

Os ário-celtas, por sua situação geográfica, estavam muito afastados dos povos iranianos e desconheciam os Atlantes, que viviam então escondidos em sua grande ilha no meio do Atlântico.

Um destino divino estava reservado para esta sub-raça: o de semear a paz e a prosperidade, o de chegar a colocar a mente em alta posição racional, para que a ponte entre o instinto e a intuição fosse uma livre passagem para a alma.

Os ário-celtas chegaram a uma civilização extraordinária, impossível de se descrever.

A religião para eles era a arte de cultivar a beleza e o dom de pensar e analisar os pensamentos.

Suas cidades eram formosíssimas e foram as primeiras a serem planejadas com o traçado em diagonais. Cada casa possuía um pequeno parque e comodidades hoje completamente desconhecidas: banheiros termas, aparatos revestidos de mármore para aplicação de raios solares para o bem da saúde, assentos arejados, de fibra vegetal.

Na metade desta sub-raça, era tal o adiantamento intelectual, que os diversos povos dirimiam suas contendas por meio de guerras discursivas. Não tinham reis nem eram regidos pelo sistema do matrimônio; eram governados por um senado de 72 anciãos e por um grupo de dirigentes mais jovens, que poderiam se denominar deputados.

Fisicamente, eram de estatura semelhante à atual, pois mediam de 1,80 m a 1,90 m; eram formosos, de rosto ovalado, cabelo louro, castanho ou negro, fronte ampla, nariz aquilino e longo, porte distinto.

Tão pulcra era a sua vida e tão ordenada a sua alimentação que possuíam uma perfeita função glandular; conservavam até avançada idade o seu aspecto juvenil.

Quando a população aumentava muito, os anciãos se entregavam voluntariamente ao fogo, para que os jovens desfrutassem das vantagens de uma comunidade mais reduzida; e faziam isto como um ato sagrado, depois de beber um licor anestésico.

Porém o mais notável desta sub-raça é que procuravam conquistar os ário-iranianos mais próximos, não mediante a guerra, mas afundando os seus territórios sob as águas. Por isso, esta sub-raça foi chamada “a que tentou formar um mar”.

Construíram um alto aterro na parte Norte do atual Mar Negro, o qual se comunicava com o Mar Gelado por um estreito; represando as águas deste, descarregavam-na depois sobre o vale ocupado pelos iranianos, atual Mar Cáspio. Porém com o tempo, a região secou e as terras perderam sua fertilidade. Com o tempo, a Natureza aproveitou a obra do homem; pelas chuvas e pelos transbordamentos do mar, formou-se ali um grande lago, até que cedeu o aterro construído; transbordaram-se as águas do Mar Negro, juntaram-se com as águas do lago Penelpon, formando o Mar Negro atual.

FIM DA SUB-RAÇA ÁRIO-CELTA

Décima Terceira Ensinança

Os ário-celtas eram pouco numerosos; e se puderam cumprir a missão de ser progênie da sub-raça subsequente, isso se deveu às características físicas das terras que habitaram, rodeadas de altíssimas montanhas vulcânicas.

Porém, no final desta sub-raça, tudo, a natureza e os homens da sub-raça ário-Iraniana pareceu pôr-se de acordo para sua destruição total.

O que hoje se chama Mar Mediterrâneo estava extremamente agitado; suas tempestades inundavam e submergiam parte das terras, deixando outras, novas, a descoberto.

A ilha Etérias ficou unida em sua parte Norte ao continente e surgiu uma nova ilha, onde está a atual Sicília; também surgiu mais outra, maravilhosa, no lugar que ocupa hoje a Grécia.

Os ário-iranianos haviam sido relegados para o Leste pelas hábeis táticas dos celtas que, mesmo inferiores em número, eram formidáveis em toda arte de pensar e dirigir.

Porém quando os mares abriram brechas entre as montanhas, permitindo que as águas invadissem as terras dos celtas, outro tanto fizeram os iranianos, entabulando cruenta luta.

Coincidiu isso com a gradual submersão das ilhas que os atlantes habitavam no meio do Atlântico; o que os obrigou a buscar outras terras, chegando algumas de suas tribos a entrar em contato com os iranianos e os celtas, aterrorizando-os, pois acreditavam que estavam extintos.

Estes negros gigantes foram tomados por demônios vingadores, que semeavam pânico nas multidões.

Porém o clima se tornava nocivo para os atlantes, que outra vez buscaram refúgio nas ilhas do Oeste.

Esta aparição havia produzido uma trégua entre celtas e iranianos; porém havendo se retirado os atlantes recrudescu a guerra.

Entretanto, nas costas das ilhas celtas, havia se formado uma intrincada rede de rios, canais e pântanos, especialmente em uma região situada entre as atuais Sicília e Grécia.

Os celtas conheciam a comarca perfeitamente, e estabeleceram nela um reino, chamado Minota, dirigido por um Grande Iniciado, defensor da sub-raça. Os celtas atraíam os iranianos àqueles pântanos, os quais, ignorantes dos perigos que os espreitavam, pereciam aos milhares.

Destes acontecimentos surgiu a lenda do Minotauro e do Labirinto.

Porém, apesar de tudo, os iranianos, cada vez mais numerosos, acabaram se impondo aos celtas, queimaram suas cidades, apoderaram-se de suas mulheres e da união dos iranianos com os celtas surgiu a gloriosa sub-raça dos ário-teutônicos, que destruiria os atlantes de raiz.

NASCIMENTO DA SUB-RAÇA ÁRIO-TEUTÔNICA

Décima Quarta Ensinança

Os ários haviam nascido para a guerra.

Começava a era da guerra com os atlantes, a chamada “Guerra dos mil e quinhentos anos”.

A troca de posição do eixo da Terra permitiu aos ários vencer totalmente os atlantes, que desapareceram da terra definitivamente.

Como os celtas e iranianos haviam se degenerado notavelmente durante esse tempo, por sua miscigenação com os últimos resíduos dos iranianos e, durante a luta dos 1.500 anos com os atlantes, resultou que a nascente sub-raça ário-teutônica, que haveria de ser tão formosa, fora em seu início muito imperfeita.

O primeiro broto dos teutônicos era de aspecto horrível. A miscigenação entre celtas e atlantes trouxe como consequência uma natural insuficiência da glândula hipófise.

Pode-se afirmar que todos eram acromegálicos, de crânio pequeno, grandes mandíbulas, olhos afundados, pomos salientes, lábios grossos, mãos e pés muito grandes. De faculdades mentais pouco desenvolvidas, viviam em estado semisselvagem, verdadeiros homens das cavernas e da Idade da Pedra.

Parecia que toda a antiga grandeza e esplendor da Raça Ária haviam terminado; porém como nada perece, tampouco pereceu essa grandeza e cultura; a potestade de razoar própria dos ários era como uma semente no seio desses povos, que brotaria com força extraordinária.

As mudanças geográficas que se produziram nesses tempos foram as seguintes:

O Mar Gelado desapareceu, deixando em seu lugar um deserto de gelo e neve.

Os principais grandes rios se ramificaram ou se dividiram, tornando-se pequeno em consequência.

A ilha Etérias, unida já ao norte com o continente, foi adotando a forma da atual península Itálica, até a região de Campanha.

A Grécia também deixou de ser uma ilha, ao unir-se com o continente frio, assim como a Tessália, a Macedônia e a Ucrânia.

A grande ilha central do Mediterrâneo foi desaparecendo sob as águas, deixando uma pequena ilha que se dividiu em duas, unindo-se a parte ibérica com a região céltica.

A costa africana, livre das grandes cadeias vulcânicas, era uma terra fértil, formosa e promissora, muito longe de se parecer com o atual deserto.

Esta terra, sulcada por rios que saíam do grande rio, atual Nilo, tinha em suas proximidades grandes ilhas com formosa vegetação.

Ali se estabeleceram os primitivos ário-teutônicos, os que evoluíram mais rapidamente; enquanto que os mais atrasados moravam ao Norte, na Itália, na Grécia e na Ibéria.

DESENVOLVIMENTO DA SUB-RAÇA ÁRIO-TEUTÔNICA

Décima Quinta Ensinança

Os ário-teutônicos que habitavam o Norte da África, sempre dirigidos por Iniciados Solares de Segunda Categoria, há 25.000 anos fundaram paulatinamente raças e nações, internando-se no continente africano.

No centro da África havia então um grande lago, talvez na atual bacia do Congo.

Surgiu ali a civilização de alguns povos, de tez acobreada, chamados Tamiráfik, que desenvolveram uma grande cultura e evolução espiritual, ainda que baseada, esta última, na razão.

Eram povos que viviam em comunidade, algo assim como os espartanos, não conhecendo moeda.

Seus dons mais apreciados eram o desenvolvimento físico e a arte de pensar.

Viviam isolados dos demais povos, numerosos, que habitavam o continente; e temiam adquirir as ideias dos mesmos, por considerá-las impuras.

Não tinha então a África o selvagem aspecto atual e o seu clima era mais temperado.

É muito notável o fato de que nenhum destes povos fora destruído. Desapareceram gradualmente por debilitação física de seus habitantes, pela invasão do deserto, por mudanças climáticas ocasionadas por correntes marinhas cálidas; e causas semelhantes.

Pode-se dizer que os lacedemônios foram a última expressão destes primitivos ário-teutônicos.

Os povos egípcios não foram descendentes diretos destes teutônicos; foram uma mescla de descendentes de sub-raças anteriores; poder-se-ia dizer que herdeiros das características atlante-turanianas e dos ário-teutônicos que civilizaram o centro da Ásia e que há 15.000 anos se estabeleceram no vale do Nilo.

Outra coluna de teutônicos se espalhou por diversas comarcas da Ásia, fundando povos e nações. Dentre elas, a que mais se distinguiu foi a estabelecida, há 15.000 anos, na Índia.

Estes teutônicos, brancos, tinham uma forma de viver diferente da dos que habitavam o centro da África; viviam separadamente, em clãs ou em tribos nômades, buscando pastoreio para seu gado.

Eram muito resistentes, podendo suportar todo tipo de privações e os climas mais adversos.

Quando se estabeleceram, fundaram nações milenares, talvez as mais antigas do mundo, cuja existência poderia ser comprovada historicamente.

Os ário-teutônicos de menor pureza racial eram de tez negra. Viviam em ilhas, não muito extensas, nos oceanos Índico e Atlântico, não distante da África do Sul. Eram perseguidos ferozmente pelos demais teutônicos, para quem era dever sagrado matá-los; algo assim como os espartanos com os hilotas. Recebiam, por isso, o favor do céu.

Em consequência, estes negros teutônicos tinham que fugir constantemente; e, através de suas ilhas, eventualmente se estabeleceram na América; de sua união com os ário-teutônicos já estabelecidos se formou a raça que pode ser chamada vermelha.

Também lograram uma civilização adiantada; cabal testemunho disso tiveram os conquistadores do México.

Os ário-teutônicos que emigraram para a Malásia também fundaram uma grande civilização; a da raça amarela.

OS PRIMITIVOS ÁRIO-TEUTÔNICOS

Décima Sexta Ensino

Não se deve supor que, quando se desenvolve uma sub-raça, como tem sido descrito neste curso, fique desabitado o resto da Terra.

Restos de anteriores sub-raças, quando não desapareceram, não subsistiram ou não se renovaram, com sorte diversa, ainda que sempre eventualmente conquistados e absorvidos pela sub-raça dominante.

Ao começar a época da sub-raça ário-teutônica estes homens se espalharam pelo Norte da África e pelo Sul da Europa e, após guerras e migrações, mesclando-se com outros tipos, chegaram até o coração da Ásia.

Foram se aperfeiçoando paulatinamente durante dez mil anos até conseguir um corpo exatamente igual ao do homem atual.

Os habitantes do Norte da África evoluíram notavelmente e estenderam sua civilização por todo o Sul da Europa e Nordeste da América, mesclando-se com outros primitivos teutônicos que habitavam a Grécia, a Itália e a Ibéria.

Porém os que mais cresceram foram os ário-teutônicos que se estabeleceram na Índia há mais ou menos 15.000 anos.

Todos estes povos ário-teutônicos já estavam divididos em cinco tipos predominantes: Negro, Acobreado, Vermelho, Amarelo e Branco. Habitavam, aproximadamente, os lugares geográficos de suas atuais respectivas expressões: os negros, em desaparecidas ilhas que bordejavam a África; os acobreados, no centro e Norte da África; os vermelhos, na nascente América; os amarelos na Malásia; e os brancos no Sul da Europa e da Ásia.